

50 ANOS DA COLEÇÃO COSTANTINI: DA ESTREIA COM UM PRESAS, MIRANDO UM BERNI, À OBSESSÃO POR UM RIVERA.

Cristiélen Ribeiro Marques¹

Obstinação e entusiasmo pela arte, visão mercadológica e construção de um legado artístico-histórico-cultural latino-americano, num contexto globalizado, são aspectos marcantes na trajetória de 50 anos, desde o embrião que daria origem à *Coleção Costantini*. Neste artigo, estes aspectos serão apresentados por meio de dois pilares temáticos: como se formou e evoluiu a coleção, com as mudanças nos critérios de escolha e aquisições, para que se chegasse à constituição atual; e o da forma de trazê-la ao público, movimento que se iniciou nos anos 1990 em parceria com outros museus, passou pelo estabelecimento de um acervo em um espaço museológico próprio, o *Malba*, e incluiu uma revisão curatorial na exposição comemorativa de 15 anos da instituição, a *Verboamérica*. Palavras-chave: Colecionismo, Arte latino-americana, Exposições de arte latino-americana.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo apresentar a evolução da Coleção Costantini, identificando os elementos-chave que propiciaram seu reconhecimento como relevante mostra da arte latino-americana do século XX.

Para tanto, primeiramente, se busca entender a formação da coleção, os critérios e as estratégias de aquisição, e o mercado de arte como um dos meios de legitimação, para, em seguida, observar a forma como as obras foram apresentadas ao público, reconhecidas pelos museus locais e internacionais, e então institucionalizadas como acervo do Malba.

¹ Pós-graduação *lato sensu* em Curadoria de Arte pelo Centro Universitário SENAC e aluna especial no Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte da USP.

Os principais materiais de pesquisa disponíveis com esse tipo de informação são catálogos das exposições e *releases* à imprensa, entrevistas e matérias publicadas na mídia impressa e *on-line*, bem como publicações das próprias instituições do mercado de arte e de leilões.

A FORMAÇÃO DA COLEÇÃO: UM OLHO NA ARTE E OUTRO NO MERCADO²

Os primeiros 30: final dos anos 1960 até os 2000

É muito fácil encontrar matérias de jornais e revistas com uma foto de Eduardo Costantini ao lado das obras icônicas de sua coleção, com referências à sua trajetória, muitas vezes narrada por ele mesmo, e sobre o nascimento do colecionador. Porém identificar e entender as peças para a formação e a consolidação da Coleção Costantini é uma tarefa bem mais complexa: um movimento econômico de globalização e valorização da cultura latino-americana, a parceria com um consultor especialista em arte, ter capital no momento de dar o lance nos leilões em obras históricas, saber olhar e esperar quase de forma obsessiva para adquirir uma obra, entre muitos outros aspectos que permeiam a jornada analisada neste artigo.

Nesse imbricado caminho, a começar pelo final dos anos 1960 e início dos 1970, Costantini, então com 22 anos atuava no mercado financeiro e começava a se interessar por arte. Desde um olhar inicialmente leigo, em 1968, comprou em parcelas um Leopoldo Presas, mas já mirando um Antonio Berni que ainda não “cabia em seu bolso”. Vai assim se especializando em sua empreitada no mercado de arte, o que será já de início bem-sucedida, mediante algumas oportunidades-chave que surgiram logo nos primeiros passos. Por exemplo, o encontro com o já colecionador de arte Ricardo Esteves, executivo de empresas do setor financeiro, uma importante bússola para as suas aquisições; e a vinda a mercado de coleções importantes que foram então adquiridas por Costantini, como 20 obras de Xul Solar, uma composição branca de Torres García e obras sobre papel de Rafael Barradas, de 1918.

Percebe-se nos anos 1970 um novo movimento no colecionismo de arte na América Latina, cujos colecionadores locais se voltaram à aquisição de obras latino-americanas. Este pode ser reflexo de alguns elementos significativos, como os apontados pela historiadora da arte e crítica Aracy Amaral, no texto “História da Arte Moderna na América Latina (1780-1990)” de 1996. Nele, cita a Conferência Geral da Unesco, em Paris de 1966, em que foi definido um projeto de estudo das culturas latino-americanas, tendo por base sua literatura e suas artes; e a forte influência dos Estados Unidos sobre o continente latino-americano³. Ainda

² A linha do tempo apresentada sobre a formação e a evolução da Coleção Costantini tem como base os textos de Marcelo Pacheco, publicados nas diferentes edições do catálogo da coleção desde 1998, em suas exposições no Museu de Arte Moderna de São Paulo e do Rio de Janeiro, e posteriormente já como acervo do MALBA. Marcelo Pacheco é curador, pesquisador, licenciado em História da Arte, escritor, professor e foi diretor do MALBA no período de 2002 a 2013.

³ AMARAL, 2006, p. 129.

em 17 de outubro de 1979, a Sotheby's organizou um primeiro leilão exclusivo para a arte latino-americana em Nova York, tendo também criado um departamento especializado nesta arte, o que anos mais tarde viria a ser também adotado pela Christie's e pela Phillips.

Retornando a Costantini, se, no início, se pôde observar claramente o interesse pelos artistas rio-platenses e por peças históricas centrais de suas carreiras nos anos 1920 e 30, será nos anos 1990 que o olhar começou a deslocar-se no tempo e na geografia, e o mercado internacional passou a conhecer o colecionador que arrematara algumas obras emblemáticas nos leilões de Nova York. Nesse segundo momento da coleção, ela foi ampliada com obras também dos anos 1940, e com artistas de vários países latino-americanos, como Tarsila do Amaral, Miguel Covarrubias, Amélia Pelaez, Frida Kahlo, Roberto Matta, para citar alguns nomes⁴. Entre 1995-1996, é que ficaram famosos os lances recordes para obras na América Latina, como o US\$ 1,3 milhão pelo "Abaporu", e os US\$ 3,2 milhões pelo "Autorretrato com Macaco e Papagaio" de Frida Kahlo. Nesta última, Costantini pôde desfrutar do gosto da vitória, inclusive ao competir com a artista norte-americana Madonna, porém amargou a difícil escolha de ter deixado de lado "Baile en Tehuantepec" (1928), de Diego Rivera, pela simples razão de que, na época, não tinha recursos para comprar os dois.

1.1. A consolidação nos anos 2000

Com a grande exposição na mídia local e internacional, o interesse crescente de renomadas instituições norte-americanas e europeias sobre a arte da América Latina, e um espaço permanente de exposições, a coleção Costantini se estabeleceu nas primeiras décadas do século XXI como legado relevante para a história da arte.

É quando a coleção adquiriu uma nova dinâmica, com um caráter cada vez mais latino-americano, uma abrangência maior em termos de período histórico dos anos de 1920 até os 2000, fazendo jus ao nome daquele que passaria a ser o "lar permanente" das obras, o *Museo de Arte Latinoamericano de Buenos Aires*, Malba. O ritmo do mercado, o desejo do colecionador e o poder institucional foram algumas das forças fundamentais que atuaram para consolidar a coleção nesse novo período. No gráfico 1, pode-se ver sua evolução, desde os primeiros momentos até aquisições mais recentes, compondo um acervo de cerca de 600 obras.

Em 2004, o Malba lançou um Programa de Aquisições, visando justamente ampliar a coleção para maior representatividade da arte contemporânea da América Latina. O programa contou, além de financiamento da Fundação Costantini, com a Associação de Amigos do Malba e outros grupos privados, fundações e empresas. Em 2012 e 2013, a instituição criou um Comitê de Aquisições (CDA) que participou da dinâmica de seleção de obras em conjunto com o Departamento de Curadoria.

⁴ MUSEU DE ARTE MODERNA, 1998, p.23.

Nesse período, importantes peças foram agregadas ao “quebra-cabeça” da história da arte latino-americana por meio da coleção. Podem-se destacar a instalação *Editor Solitário* (2011) de Oscar Muñoz, *Subdivisões de um Relâmpago na Terra* (2003) do artista carioca Ernesto Neto; o vídeo histórico *Alma, Silueta en fuego* (1975) da artista cubana Ana Mendieta (1948-1985); *Decoración de interiores* (1981) de Beatriz González, artista colombiana; a fotografia *Las dos Fridas* (1989/2014) dos chilenos Las Yeguas del Apocalipsis (Pedro Lemebel (1952-2015) y Francisco Casas Silva); e *CV laboral* (2009), uma doação da artista Ana Gallardo. E, finalmente em 2016, 21 anos após o leilão em que não pôde arrematar a obra *Baile en Tehuantepec* (1928), de Diego Rivera, ela voltou a mercado, e Costantini a integrou à coleção por US\$ 15,7 milhões, batendo o novo recorde como obra mais cara da história de um artista da região latino-americana.

Os critérios de seleção de obras para a coleção consideravam, principalmente, a inclusão de artistas-chave da América Latina, com o objetivo de ter cada vez mais países representados; peças históricas que contribuíram para a difusão de artistas relevantes, de períodos como os anos 1960 e 70; obras significativas de artistas que integram exposições temporárias do museu, a exemplo de Annemarie Heinrich, Teresa Burga, Claudia Andujar, Marta Minujín e Rogelio Polesello; e obras de artistas mulheres buscando também maior equidade de gênero.⁵

Assim, Coleção Costantini e colecionador passaram a figurar em *rankings* globais e locais de mídia especializada em arte, como o “Top 200 Collectors” da ARTnews, e os “100 Activos Coleccionistas de Arte Latinoamericano”, da Arteinformado. Em 2017, a Fundação ARCO de Madrid atribuiu ao colecionador e à sua trajetória o prêmio “A”, em virtude de sua contribuição para difundir a arte latino-americana no mundo e especialmente por criar o museu Malba.

A COLEÇÃO COSTANTINI EM EXPOSIÇÕES E ACERVOS

Ganhando visibilidade por meio de renomadas instituições

A década de 1990 é marcada pela expressiva exposição que a Coleção Costantini começava a receber, seja pelo mercado de arte e pela mídia, mas ainda, mais importante, por museus regionais e internacionais (Figura 1).

Inicialmente, por meio de empréstimos de obras de forma mais pontual, como na exposição de 1993 no *Museum of Modern Art* (MoMa). Já em 1996, houve a primeira exibição pública como coleção, no *Museo Nacional de Bellas Artes* de Buenos Aires, e, em seguida, no *Museo Nacional de Artes Visuales* de Montevideo. No período entre 1998 e 1999, exposições de maior porte, fora da região do Rio da Prata, foram realizadas com mais de 100 obras no *Museu de Arte Moderna*, tanto de São Paulo quanto do Rio de Janeiro,

⁵ MALBA. Disponível em <<http://www.malba.org.ar/coleccion-adquisiciones/>> Acesso em: 20 set. 2018.

e com cerca de 90 obras na *Fundación La Caixa* em Madrid. Em paralelo, entre 1997 e 2000, a coleção apresentou quatro edições consecutivas do Prêmio Costantini no Museu Nacional de Belas Artes de Buenos Aires, com a proposta de estimular a produção artística argentina, ao mesmo tempo que incorporou obras de artistas das últimas gerações com a aquisição daquelas classificadas em primeiro lugar.⁶

Já em 2012, o *Museum of Fine Arts de Houston* (MFAH) apresentou cerca de 36 obras no *Modern and Contemporary Masterworks from Malba - Fundación Costantini* com, como parte da parceria já existente entre as instituições. E, em fevereiro de 2016, à ocasião do prêmio da Fundação ARCO, 13 obras estiveram expostas na *Real Academia de Bellas Artes*, Madrid, sob o título *Arte latino-americano. Una mirada a la colección Costantini*.

Malba: a institucionalização de um legado regional e de interesse internacional

Fundada em 2001 por Eduardo Costantini, “a instituição nasce com a missão de colecionar, estudar e difundir a arte latino-americana desde o início do século XX até a atualidade”.⁷ Além de exposições, tanto do acervo quanto temporárias, possui um amplo programa educativo que congrega também cinema e literatura, buscando estar cada vez mais próximo da comunidade.

Desde a abertura do museu, uma parte das obras do acervo passou a estar sempre em exposição. A curadoria da coleção reconhece que a sua mostra apresenta fissuras, dissonâncias, lacunas, tendo em vista que se propõe a contribuir para a construção de uma história da arte latino-americana e a estabelecer os seus respectivos cânones:

A Coleção Costantini, em seu valor de enredo e na qualidade de panorama, não se permite não reconhecer as instabilidades e as rupturas, características de bens culturais produzidos em contextos múltiplos e em tempos históricos e geografias fragmentadas. O fio condutor da simples cronologia resulta numa mostra de imagens em que prevalece, eliminados (pré)conceitos de progresso e linearidade, o ecletismo, ou melhor dizendo, a porosidade e a mutabilidade das orientações, e a volatilidade das posições. Seguir as estações sucessivas do fauvismo, do expressionismo, do cubismo, do futurismo, do dadaísmo, do surrealismo e das múltiplas abstrações, os “neos” e os “pós”, não alcançam como método para captar produções culturais cujos

⁶ MALBA. Disponível em <<http://www.malba.org.ar/museo/>> Acesso em: 20 set. 2018.

⁷ MALBA. Disponível em <<http://www.malba.org.ar/museo/>> Acesso em 20 set. 2018.

tempos e espaços estão fissurados por urgências internas e externas que obrigam a convivência constante de contradições e projetos mutantes. (MALBA, 2001, p.34).

As curadorias, desde a abertura do museu, estavam mais orientadas a uma visão cronológica dos movimentos e estilos da história da arte global. Em 2014, dois anos antes de completar os 15 anos da fundação do Malba, a instituição começou a programar uma nova mostra comemorativa. Aberta em setembro de 2016, *Verboamérica*, a nova exposição da coleção permanente do Malba, foi apresentada como não sendo fixa nem estática, senão performativa e temporal, que “evidenciava a crise de uma noção única e linear do tempo histórico que a globalização tem testemunhado”⁸.

O que norteia essa curadoria de Andrea Giunta e Agustín Pérez Rubio são as experiências na América Latina no campo das artes, como Antropofagia, Madí, Universalismo, Muralismo; e as questões sociais, como a urbanização, as periferias, os banidos, as questões geopolíticas. Estas foram traduzidas em oito núcleos: (i) no princípio; (ii) mapas, geopolítica e poder; (iii) cidade, modernidade e abstração; (iv) corpos, afetos e emancipação; (v) trabalho, multidão e resistência; (vi) campo e periferia; (vii) cidade letrada, cidade violenta, cidade imaginada; e (viii) américa indígena, américa negra. É questionável o êxito da exposição quanto à inovação na narrativa, ou mesmo em termos de representação e de representatividade da América Latina, porém é inegável a congregação de obras canônicas.

Em termos de futuro da coleção, com base em entrevistas veiculadas na mídia, Costantini menciona que a prioridade do Malba passou a ser o acesso, o aumento da proximidade com a comunidade e o seu papel social, a manutenção do acervo e menos a aquisição de obras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar a trajetória da Coleção Costantini é uma forma de identificar elementos e critérios que levam ao êxito de uma coleção e de um colecionador, o que não quer dizer uma receita de fácil reprodução. Tampouco encerra o desafio de se contar a história da arte latino-americana, ainda que apresente extratos e perspectivas. Especialmente, se for considerado o poder do mercado de arte e das instituições que, muitas vezes, se autodefinem como narradores legitimados, e nesse caso, centrados na América Latina, porém em um contexto globalizado⁹.

Dessa forma, a Coleção Costantini vem somar de forma relevante, porém não definitiva, para a construção de um projeto histórico de arte latino-americana de cunho cultural. A paixão pela arte, a visão mercadológica

⁸ MUSEO DE ARTE LATINOAMERICANO DE BUENOS AIRES, 2017, p. 32.

⁹ OLIVEIRA, 2010, p. 11.

e um cenário econômico local e internacional favorável que marcam essa jornada apontam contribuições efetivas de reconstituição de um patrimônio e de possibilidade de identificação de um legado latino-americano de interesse global.

Porém, o estudo da Coleção Costantini é ponto de partida também para temas e questionamentos que não puderam ser aprofundados neste artigo, mas que fazem parte da pesquisa em andamento. Por exemplo, o fato de o prestígio da coleção constituir-se em grande parte por integrar a história da arte brasileira, uma vez que abriga obras canônicas de artistas como Volpi, Portinari, Di Cavalcanti, Maria Martins, Cláudia Andujar, para citar alguns. Cumpre ainda citar que uma das que a fez mais conhecida, e valiosa, alvo de controvérsias no Brasil, foi a aquisição, em 1995, do *Abaporu* (1928), de Tarsila do Amaral. O percurso dessa obra entrelaçado ao do Malba nos traz importantes reflexões também acerca dos projetos institucionais brasileiros sobre arte e cultura, em âmbito local e regional.

E, nesse sentido, a própria trajetória dessa coleção como projeto institucional e as decisões de seu colecionador sobre seus rumos e desdobramentos como tal nos faz refletir sobre as jornadas de outras coleções. Em âmbito local, a de Adolfo Leirner que, desde 2007, integra o acervo do *Museum of Fine Arts de Houston*, revelando mais uma vez a fragilidade da política nacional de formação de acervos no País, ou mesmo o desinteresse cultural das elites e do próprio governo. E, no âmbito regional, sob o argumento de se elevar e incluir a arte latino-americana no circuito global de arte e não pela sua origem regional, temos a colecionadora cubana Ella Fontanals-Cisneros que, em 2018, doou obras de sua coleção para a Espanha, tornando Madrid a cidade europeia com maior coleção de arte latino-americana; e a venezuelana Patricia Phelps de Cisneros, maior coleção de arte abstrata latino-americana que, em 2016, doou 102 obras ao MoMa e, em 2018, outras 200, divididas entre este mesmo museu mais o Reina Sofia (Espanha), o Mamba (Argentina), o MALI (Peru), o Bronx Museum of the Arts e o Blanton Museum da Universidade do Texas.

Coincidência, ou não, esse argumento encontra ressonância no mercado de arte. Se anteriormente, na década 1970, a Sotheby's tinha criado um departamento de arte latino-americana para a sua devida valorização, já em maio de 2017, sob a mesma diretriz, a empresa anunciou que passaria a integrar a arte contemporânea latino-americana aos leilões de arte global, uma vez que os artistas "regionais" teriam alcançado tamanho reconhecimento, e valores, que estariam em condição de igualdade. Com isso, na verdade, passam a estimular uma maior concorrência entre os colecionadores e, portanto, a atingir apostas em patamares muito superiores. Algo para ser acompanhado para ver de fatos os impactos nos próximos lances.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL, Aracy. *Textos do Trópico de Capricórnio – Artigos e ensaios (1980 – 2005)*. Vol.2: Circuitos de arte na América Latina e no Brasil. São Paulo: Editora 34, 2006.
- ARANHA, Carmen S. G.; NICOLAU, Evandro C. *Arte moderna e atual latino-americanas: um olhar em revista*. São Paulo: Fundação Memorial, 2008.
- ARTEINFORMADO. *100 Activos Coleccionistas de Arte Latinoamericano*, Madrid, Feb. 2017. Disponível em: <<http://www.arteinformado.com/informe-coleccionistas-arte-latinoamericano>>. Acesso em 17 set. 2018.
- ARTISHOCK. *Una Mirada a La Colección Costantini, En Madrid*. *Artishock revista de Arte Contemporáneo*, Chile, Feb. 13, 2017. Disponível em <<http://artishockrevista.com/2017/02/13/coleccion-costantini-madrid/>> Acesso em: 20 set. 2018.
- ARTNEWS. *The world's top collectors in 2017*. Disponível em: <<http://www.artnews.com/top-200-collectors/>>. Acesso em 10 dez. 2017
- BARBOSA, Paulo Roberto Amaral. *Modernidade latino-americana: a postura crítica de Marta Traba*. São Paulo: Fundação Memorial, 2008.
- BERMÚDEZ, María Clara Bernal. *Más allá de lo real maravilloso: el surrealismo y el Caribe*. Bogotá: Universidad de los Andes, Facultad de Artes y Humanidades, Departamento de Arte, 2006.
- FUNDAÇÃO ARCO. Disponível em <http://www.ifema.es/fundacionarco_01/QuienesSomos/FundacionARCO/index.htm> Acesso em: 6 set. 2018.
- GIUNTA, Andrea. *América Latina en disputa. Apuntes para una historiografía del arte latinoamericano*. Los estudios de arte desde América Latina, Oaxaca, UNAM-Instituto de Investigaciones Estéticas, 1996.
- MALBA. *Programa de Aquisições*. Disponível em <<http://www.malba.org.ar/coleccion-adquisiciones/>> Acesso em: 17 set. 2018.
- MEDINA, Cuauhtémoc. *Curando desde el sur: una comedia en cuatro actos*. Revista Errata, Colômbia, n. 14, p. 108-122 jul-dez 2015. Disponível em <<http://revistaerrata.gov.co/>>. Acesso em: 1 set. 2018.
- MOULIN, Raymonde. *O mercado de arte: mundialização e novas tecnologias*. Porto Alegre: Zouk, 2007. Coleção Prospecção, v. 6.
- MUSEO DE ARTE LATINOAMERICANO DE BUENOS AIRES. *Colección Costantini*. Buenos Aires, 2001.
- _____. *Colección Costantini*. Buenos Aires, 2004.
- _____. *Colección Costantini*. Buenos Aires, 2007.
- _____. *Colección Costantini*. Buenos Aires, 2011
- MUSEO NACIONAL DE ARTES VISUALES DE MONTEVIDEO. *Colección Costantini*. Disponível em <<http://mnav.gub.uy/cms.php?e=costant>> Acesso em: 8 set. 2018.

MUSEU DE ARTE MODERNA DE SÃO PAULO. *A Coleção Costantini no MAM*. São Paulo, 1998.

MUSEUM OF FINE ARTS HOUSTON. *Modern and Contemporary Masterworks from Malba - Fundación Costantini*: 1996. Disponível em: <<https://www.mfah.org/exhibitions/modern-and-contemporary-masterworks-malbacoleccion/>> Acesso em: 10 set. 2018.

MUSEUM OF MODERN ART. *Latin American artists of the twentieth century: a selection from the exhibition*: 1993. Disponível em: <https://www.moma.org/documents/moma_catalogue_397_300161113.pdf> Acesso em: 15 set. 2018.

OLIVEIRA, Elisângela Cardoso Hernandes e. *Processo de legitimação artística – reflexões acerca de instituições museológicas de arte contemporânea do Brasil (MAC-USP) e da Argentina (MALBA)*. Revista Extraprensa, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 1-20, aug. 2010. ISSN 2236-3467. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/74370/77998>>. Acesso em: 10 set. 2018.

PINHO, Diva Benevides. *A Arte como Investimento: a dimensão econômica da pintura*. São Paulo: Nobel; Edusp, 1988.

RADIO MITRE. *Las Confesiones de Eduardo Costantini*. Buenos Aires, Argentina. 20 agosto, 2016. Disponível em <<https://radiomitre.cienradios.com/las-confesiones-de-eduardo-costantini/>> Acesso em: 10 set. 2018.

REAL ACADEMIA DE BELLAS ARTES SAN FERNANDO. *Arte latinoamericano. Una mirada a la colección Costantini*. Disponível em <<http://www.realacademiabellasartessanfernando.com/es/actividades/exposiciones/arte-latinoamericanouna-mirada-a-la-coleccion-costantini>>. Acesso em: 15 set. 2018.

SOTHEBY'S. *Sotheby's Integrates Contemporary Latin American Art Into Its New York Contemporary Art Sales*. Disponível em:<<http://www.sothebys.com/en/news-video/blogs/all-blogs/sotheby-s-at-large/2017/09/sothebys-integrates-contemporary-latin-american-into-ny-contemporary-sales.html>> Acesso em: 5 set. 2018.

FIGURAS



Gráfico 1 – Evolução da Coleção Costantini desde o final dos anos 1970 até 2016. Fonte: Consolidação dos números, tomando por base dados mencionados em entrevistas e matérias publicadas na mídia, catálogos de exposições e sobre a coleção, do período de 1995 – 2017.

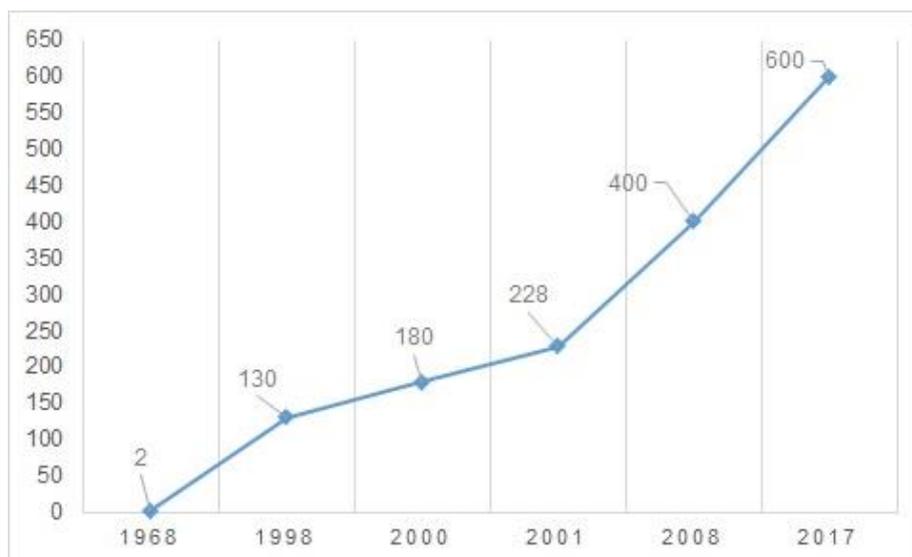


Figura 1 – Coleção Costantini: Exposições em instituições regionais e internacionais. Fonte: Consolidação das informações baseadas em dados mencionados em entrevistas e matérias publicadas na mídia, catálogos de exposições e sobre a coleção, do período de 1993 – 2017.